

Representação menor

O GLAUBO FROST

O GLAUBO

NO CONGRESSO, gente experiente e operosa como um Nelson Jobim fala em ir para casa, desiludida com os resultados conseguidos em batalhas críticas como a da revisão constitucional.

SERÁ uma pena se isso acontecer. As eleições deste ano prometem um índice expressivo de renovação do Congresso. Mas se, ao lado dos novos, não estiverem os veteranos e os competentes, o resultado pode ser mais uma vez decepçionante. E se os melhores desistem da luta antes da hora, o que pensará a geração que está vindo aí? Que só se deve ir para o Congresso com a garantia de sucessos ou vantagens? E o eleitorado, depois dessa demonstração de desânimo, terá ainda estímulo para decidir que um bom Congresso é tão importante quanto um bom presidente?

O RELÓGIO da política é, muitas vezes, aleatório e cruel: recusa-se a bater a hora certa. Um caso típico é o do Winston Churchill de antes da Segunda Guerra Mundial, quando ele falava obsessivamente na necessidade de melhorar as defesas da Inglaterra. Houve um autor, hoje es-

quecido, que escreveu um livro inteiro para explicar por que a carreira de Churchill era um completo fracasso. Se o jovem Winston tivesse aceito esse veredicto, a História podia ter sido bem diferente.

NO Brasil, o relógio pessoal do Tiradentes não estava muito afinado com os tempos, no sentido do realismo político. Ele pagou com a vida a causa da independência abraçada antes da hora. Por causa disso, diremos que ele foi um fracasso?

PENSAR com desânimo sobre o Congresso é perder a noção do que significa o mecanismo da representação. Luís Inácio Lula da Silva poderia ser, hoje, um político mais experiente e de idéias mais nítidas se tivesse aproveitado a oportunidade, ao seu alcance, de frequentar o Congresso de 1990 a 1994. Talvez confirmasse, por experiência pessoal, que um número preocupante de "picaretas" infestava a representação parlamentar. Mas pelo menos estaria sabendo, agora, o que significa a função representativa.

APARENTEMENTE virgem no assunto, ele acaba de sugerir,

em plena campanha eleitoral, que, se for eleito, os trabalhadores terão participação direta no Governo.

O QUE significa isso? Que comitês escolhidos pelas fábricas farão rodízio nos corredores dos ministérios e na antesala do presidente, propondo e discutindo medidas de governo?

SERIA um método custoso e confuso, algo nunca experimentado na História. O que há de mais parecido com isso é a idéia da representação classista, tão cara ao Estado Novo, e de inspiração fascista.

O PROBLEMA desses comitês classistas é ficarem em posição subalterna face ao Executivo. A sua dose de representatividade é infinitamente menor que a dos eleitos em eleições gerais. E, por isso, essas pífias representações não têm estatura para dialogar de igual para igual com um outro poder da República.

ASSIM se chega ao Estado monolítico, mais pobre politicamente, menos eficiente, mais sujeito à corrupção e ao arbitrio.